

## Evocação da figura e obra de Manuel Faria\*

ALBÉRICO FERNANDES

Excelentíssimo e Reverendíssimo  
Senhor Arcebispo Primaz  
Excelentíssimo e Reverendíssimo  
Senhor D. Eurico Dias Nogueira  
D. Deão da Sé e Reverendíssimo Cabido  
Exmos. Elementos da Comissão da Semana Santa  
Exmos. Familiares do Dr. Manuel Faria  
Exmos. Elementos do Coro Stella Vitae  
Minhas Senhoras e Meus Senhores:

É para mim uma subida honra vir a esta vetusta Sé Catedral evocar a insigne figura do Cónego Doutor Manuel Faria, Mestre que marcou gerações, compositor de primeiro plano, Sacerdote exemplar, cidadão de parte inteira e grande amigo.

Ao agradecer o amável convite que me foi dirigido – ciente de que muitos outros, muito melhor do que eu saberiam desempenhar-se desta função – quero manifestar a V. Exa. Reverendíssima e ao Reverendíssimo Cabido quanto me congratulo por tomarem a iniciati-

---

\* No dia 11 de Abril de 2003, integrando-se no programa cultural da Semana Santa de Braga, o Coral Stella Vitae de Lisboa deslocou-se a esta cidade para oferecer ao público um concerto na Sé Catedral em homenagem ao Maestro Manuel Faria, de cuja morte se comemoravam vinte anos. Foi uma iniciativa do seu Director, Dr. António da Costa Pires, um advogado bracarense radicado em Lisboa e antigo aluno daquele ilustre compositor. O Coral, dirigido por Joaquim Gonçalves, interpretou um conjunto de «Responsórios para a Semana Santa», obra prima do compositor homenageado. A introduzir o concerto, outro antigo aluno e grande amigo de Manuel Faria, Dr. Albérico Fernandes, proferiu para a assistência a alocação de circunstância que aqui publicamos. N. da R.

va desta homenagem, a que o Coro Stella Vitae imediatamente aderiu e vai dar a verdadeira expressão.

Vinte anos de silêncio sobre a morte do Dr. Manuel Faria é muito tempo. E nem ele precisava que o pó assentasse para lhe esconder os defeitos e sobrelevar as virtudes, nem duas décadas bastam para esbater a sombra que a sua grandeza ainda hoje projecta. Porque a sua memória não se apaga em quem o conheceu e admirou; porque a sua obra não morre com a sua morte; porque a sua música o projecta para além do tempo.

Vivemos numa época pouco dada a memórias e evocações. A crise e a instabilidade que dominam a situação mundial; a busca de um novo modelo cultural, que ainda não se encontrou, para responder a tantos problemas; a força quase absoluta da informação global e globalizante que a todos se impõe e a muitos molda, pondo tantos a discutir tudo, sem quase lhes dar tempo para pensar; o crescente abandono da organização da sociedade em pirâmide, para funcionar em rede, onde as relações se criam conforme as necessidades e se desfazem no momento seguinte à conquista dos objectivos, não geram solidariedades, antes provocam solidões e egoísmos.

Mas é nestes tempos, especialmente, que mais necessário se torna trazer à memória e agarrar por modelo quem se demarcou dos demais, como Cidadão, Padre, Maestro e compositor e, sobretudo, um amigo: o Cónego Dr. Manuel Ferreira de Faria.

**Como cidadão**, nasceu humilde, fez-se grande, e humilde continuou.

Tenho o privilégio de possuir o original do seu curriculum escrito pelo próprio punho, que lhe pedi quando se preparava o reconhecimento público da sua obra e do seu mérito, pelo Estado.

Nele se lê que é «o mais velho de dez irmãos, filho de um caseiro de terras – Boaventura Ferreira de Faria – e de uma operária textil – Laurinda Rosa Monteiro». E, com a mesma naturalidade que assume as origens humildes, também, mais adiante, refere «a retoma dos estudos em Roma (interrompidos pela entrada da Itália na Guerra), com uma Bolsa do Instituto de Alta Cultura, grangeada à custa das classificações obtidas no ano precedente em que conseguiu avançar do primeiro para o terceiro ano do Curso de Composição». E, do mesmo modo reporta a Licenciatura em composição, em Junho de 1944, e o Diploma de Maestro com a classificação máxima, «Summa cum laude probatus».

Foi sempre assim: de uma humildade tão sincera como natural, desprendido dos interesses interesseiros, das pompas e dos valores materiais, o que, às vezes, lhe causava problemas, porque o pouco que juntava aplicava-o em livros, discos e outros elementos de estudo. Mas esta humildade nunca lhe diminuiu o apuro de carácter, a força de vontade e a afirmação das suas ideias.

Dono de uma cultura vasta e de uma clarividente análise da sociedade e dos seus movimentos políticos e culturais, adivinhava-lhes os rumos e objectivos e, não raro, o fim próximo de alguns.

Recordo longos serões, em tempos atribulados da nossa história recente: quando os acontecimentos rodavam em catadupa e geravam incertezas no futuro, ele distinguia com serenidade e precisão, para além dos fumos imediatos, os protagonistas da oportunidade, que iriam cair, e os valores culturais que haveriam de perdurar.

A par de tudo isto, era dotado de uma sensibilidade extrema e de uma grande dedicação aos amigos e à família, «a quem procurava dar apoio e abrir caminhos», no dizer de um companheiro de sempre, o Padre Mendes de Carvalho. A dedicatória que fez do Embalo, a sua «Mãi», em Outubro de 1938 – «À minha querida Mãi pelo muito amor com que me embalou em criança» – é, por si, um verdadeiro hino de amor.

**Como Padre**, por aqui ficou, até ao fim dos seus dias, ao serviço da Igreja e da Arquidiocese – quando tinha portas abertas para outros rumos – e ocupou-se, ora a ensinar solfejo, órgão, canto gregoriano e composição no Seminário, ora a pregar pelas aldeias e a acompanhar ao harmónio funções litúrgicas, com toda a simplicidade. O contributo que emprestou à dignificação e brilhantismo dos actos do culto com a sua vasta produção de música sacra: 10 missas, 3 *Te Deum* e um sem número de motetes e cânticos para o povo, publicados em diversas colectâneas, a par da criação e desenvolvimento que imprimiu a dezenas de Coros paroquiais e à *Schola Cantorum* do Seminário Conciliar, não têm par na Igreja em Portugal e não podem cair no esquecimento.

**Como compositor**, foi grande entre os maiores, e como tal reconhecido. Cito, como testemunhos, apenas duas grandes figuras do seu tempo: Frederico de Freitas que não se cansava de elogiar a sua obra; Lopes Graça, insuspeito de partilhar da mesma ideologia, que tinha o maior apreço pelas composições do Padre Manuel Faria, como gostava de lhe chamar, e eu pude ouvir mais do que uma vez.

Os seus dotes musicais revelaram-se muito cedo: ainda Seminarista, em 1938, compõe a «Missa de Nossa Senhora do Sameiro» e o «Embalo» a quatro vozes e dois solistas, sobre uma canção popular. Mas é em Roma, no Pontifício Instituto de Música Sacra, que as suas qualidades se desenvolvem e brilham ao mais alto nível. O Dr. Joaquim Gonçalves dos Santos – «um dos seus alunos mais próximos, e o mais parecido com o Mestre», no dizer de alguém – e, acrescente-se, com obra digna de apreço, deu-se à curiosidade de investigar o *curriculum* do estudante Manuel Faria e escreve que «é impossível encontrar alguém superior ou igual em toda a história do Instituto».

Seria longo referir aqui a vastidão da obra que nos deixou, tanto no campo da música sacra como no da profana. Mas não posso esquecer algumas das suas obras mais marcantes e de que falava amiúde: a «Missa

de Nossa Senhora de Fátima», para coro e órgão, da sua licenciatura, em 1944, executada em Roma e Viena, e que tanto desejou orquestrar no fim da sua vida, tendo-a levado para o Hospital, na esperança de poder dedicar-se a isso, com calma, no período de convalescença. Assim não aconteceu, mas a sua vontade foi cumprida pelo Dr. Joaquim dos Santos que se encarregou da orquestração «com um profundo sentido de responsabilidade e fidelidade ao pensamento do seu autor», segundo as suas palavras. A estreia com orquestra fez-se na Igreja de S. Lázaro, em 1984, e vai poder ouvir-se em Sto. António dos Portugueses no próximo dia 7 de Junho, juntamente com a Sinfonia «Roma Eterna», de Joaquim dos Santos, num concerto comemorativo do falecimento do Mestre, que Roma não esquece Manuel Faria.

Mas a sua melhor obra de música sacra, no dizer dos críticos, serão os 27 «Responsórios da Semana Santa» (1965) sobre os quais já muito se disse e escreveu e cuja produção acelerada, sobretudo dos últimos, tive a dita de acompanhar.

Lopes Graça, sabedor respeitado, escreveu sobre eles: «trata-se da melhor obra de polifonia religiosa moderna, não só em Portugal, como na Europa».

Mais significativa, no seu entender, do ponto de vista estético, será a sua produção profana, tanto para coro como orquestra, e uso do mesmo critério para realçar peças de transcendência, como a «Oração para Santo Agostinho» sobre texto de Gil Vicente; «Senhor», sobre texto de Fernando Pessoa; «Estatuto do Homem», sobre um poema de Thiago de Mello e, mais que todas, «Parábolas da Montanha», com poemas de Campos de Figueiredo, que lhe valeu conquistar o Prémio Nacional de Composição Carlos Seixas, em 1972, e a cuja entrega tive o privilégio de assistir, no Palácio Foz, em Lisboa, e apreciar como era respeitado e admirado por altas figuras do meio cultural.

No campo da música sinfónica, a partir de 1952, assinalam-se: «Embalo para uma criança que nasceu na guerra»; «Suite Minhota», (1956) que mereceu uma transcrição para a Banda da GNR, do Maestro Silva Dionísio; «Imagens da Minha Terra» (1959); «Jacob e o Anjo – Abertura Sinfónica» (1965); «Tríptico Litúrgico» (1968); «Ditirambo a Frederico de Freitas» (1973), a que há a acrescentar a ópera-oratório «Auto de Coimbra» (1964).

Não me atrevo a tecer considerações sobre a sua obra orquestral, mas acompanho os críticos quando lhe distinguem duas fases: a primeira – antes do encontro com Goffredo Petrassi, em Roma, no Outono de 1961 – a que o Dr. Faria chamava «uma breve reciclagem patrocinada pela Fundação Calouste Gulbenkian» – e a segunda após esse encontro. Para não entrar em análises técnicas de pormenor, que não vêm ao caso, o que apraz registar é a sua capacidade de mudança, de uma linguagem modal, herdeira das técnicas do

fim do século XIX e princípios do séc. XX, para a estética e técnica da chamada segunda Escola de Viena, «aproximando-se do dodecafonismo, sem a ele aderir assumidamente, mas sendo capaz de incorporar, com inteligência, na sua linguagem, alguns elementos que contribuíram para um amadurecimento da sua música» – segundo César Viana.

Releve-se que, para além desta enorme produção musical, desenvolveu, ainda, uma intensa actividade literária, consubstanciada em centenas de artigos de crítica musical para diversos jornais, especialmente o *Diário do Minho*, e publicou diversos ensaios sobre correntes musicais e compositores que muito admirava, como Mozart e Beethoven.

Mas o seu grande e último combate, em que concentrou todas as forças, foi «a purificação e a elevação da música sacra», invadida, após o Vaticano II, por algumas músicas sem qualquer valor estético. Para isso lançou a nova *Revista da Música Sacra*, em 1971 e, num sentido mais prático, promoveu encontros de Coros Paroquiais sob a égide da Comissão Bracarense de Música Sacra, à qual presidia desde 1965. Este movimento, desencadeado em 1975, provocou a fundação de mais de 100 coros, quase todos espalhados por aldeias rurais, abrangendo uma massa coral de cerca de 5.000 cantores. Muitos destes coros ainda resistem e vão sendo guardiões da verdadeira música; mas a batalha da purificação da música sacra, infelizmente, nunca chegou a ser ganha. E nem do Céu, onde subiu, consegue esconjurar esses cançoneteiros que por aí sobrevivem, e se introduzem nos templos e na liturgia, à conta dos que lhes dão guarida, por ignorância.

Exmo. e Reverendíssimo Senhor Arcebispo Primaz, minhas senhoras e meus senhores:

A História de Portugal não pode escrever-se sem a Igreja, muito menos nas terras desta Arquidiocese Primaz, cujos Arcebispos se empenharam no dealbar da nacionalidade, foram conselheiros de reis e nobres e mantiveram um poder forte até quase ao fim do Séc. XVIII.

Do primeiro sistema de ensino organizado, que é obra da Igreja, saíram génios que projectaram o país no mundo. Nas suas escolas e, nomeadamente, nos Seminários de Braga, germinaram poetas, pintores, músicos, escritores, políticos, filósofos, teólogos, formadores, padres, missionários, Santos.

O Cónego Dr. Manuel Faria e tantos que conhecemos e já nos deixaram, assim como alguns que felizmente ainda estão vivos, pertencem a esta galeria de altas figuras que fizeram obra e construíram espólio valioso. Onde param os seus arquivos, a sua correspondência, os seus apontamentos, os seus escritos que não chegaram a publicar? E, se pensarmos nas paróquias, quem salvaguarda livros de registos, actas de comissões fabriqueiras e confrarias, Comissões de Festas e tantos outros elementos que fazem a história da Igreja e deste país?

Quando, há poucos anos atrás, a Internet se começou a desenvolver e as bases de dados entraram na moda, alguém disse que o grande negócio do futuro, mais próspero que o do petróleo, seria o dos conteúdos. E logo assistimos à corrida das compras dos grupos de Comunicação Social pelos operadores da NET ou das Telecomunicações: dou como exemplo, lá fora, a American on Line a comprar a CNN que, por sua vez, já tinha sido adquirida pela Time Warner e cá dentro a compra da Lusomundo pela Portugal Telecom e da Presselivre pela Cofina.

A crise presente travou, entretanto, a rentabilidade desses enormes investimentos e já se verificaram alguns desarranjos. Mas o valor dos conteúdos continua intacto, à espera de novo desenvolvimento dos negócios.

Não é com o espírito de negócio, evidentemente, que levanto a questão dos espólios. É só porque já assisti a lastimáveis perdas de arquivos preciosos, porque os descendentes, na ânsia de encontrarem valores escondidos, se apressaram a retirá-los, para mais tarde os venderem a qualquer preço e assim se perdeu documentação preciosa, dados importantes que deveriam ser preservados. Só por isso me atrevo a lançar um desafio à Arquidiocese, ao Cabido e à Universidade Católica para não deixarem que este património, que a todos pertence, se negoceie, ao quilo, como qualquer outro produto menor, nas bancas improvisadas à beira dos passeios.

Vinte anos de silêncio se passaram sobre a morte do Dr. Manuel Faria.

Na última carta que me escreveu, às portas da entrada para o Hospital de Santo António (27 de Junho de 1983), dizia-me da operação a que ia ser sujeito e pedia-me: «reza para que tudo corra bem como espero.»

Hoje rezo para que o silêncio se rasgue e a sua música volte a ouvir-se pelas paróquias e catedrais.